

«CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS FARÁ LIVRES» (Jo 8,32)

Uma história que continua

ASSEMBLEIA E SÍNTESE

Assembleia

com Fabio Colombo, Francesco Barberis e Matteo Seuergnini

Francesco Barberis. Bom dia a todos! Gostaríamos de começar esta assembleia de conclusão do Tríduo Pascal com dois pensamentos. O primeiro é: temos a exigência de compreender o que estamos a viver, isto veio ao de cima em quase todos os contributos que recebemos. Como dizia o padre Fabio na quinta-feira à noite «Não podemos ficar em jejum, é preciso comida para nos alimentar» e na introdução da Via Sacra de ontem, *don* Giussani dizia: «Antes de iniciar [ou ao iniciar esta assembleia] peçamos ao Senhor que faz todas as coisas, ao grande Pai, a origem de tudo e, por isso, a origem deste breve instante de pensamento, de sentimento, de desejo que me invade»¹. Peçamos a Deus a graça de perceber, compreender cada vez mais, que o nosso coração compreenda cada vez mais. Este é o primeiro pensamento que vos queria confiar no início desta manhã.

A segunda coisa em que pensei muitas vezes nestes dois dias é um obrigado, muito obrigado por todas as perguntas que enviaram, pela profundidade que tinham. Ontem à noite, ao lê-las todas com alguns amigos, tornou-se evidente a gratidão por cada um de vocês, por cada um; vocês são únicos, são irrepetíveis, há uma grandeza em cada um de vocês que é mesmo comovente.

Bom, agora vamos começar a assembleia. Para começar, escolhemos algumas das vossas perguntas que, de alguma maneira, retomam temáticas semelhantes. São quatro temas. O primeiro tem a ver com a necessidade de reconhecer a presença do Senhor dos sinais e, ao mesmo tempo, tem a ver com a exigência de uma razoabilidade em acreditar ou de um uso diferente da razão.

Intervenção. A minha pergunta era: eu gostava de olhar para todas as coisas e estar grata por elas como no exemplo que o padre Fabio deu, e de saber quem mas pôs ali, o que existe por detrás de um gesto ou de um objeto, mas como é que isso se faz? Tenho de dar atenção a todas as coisinhas?

Intervenção. Foi dito: «Ama a verdade mais do que os teus esquemas». Eu sou um tipo muito rigoroso e esquemático e ontem surpreendi-me porque não pensei sequer um minuto sobre como é que as coisas deviam ser, não era eu a controlar a situação, estava totalmente mergulhado, não estava a ser escravo dos meus esquemas, e mesmo assim estava tudo bem. Então, a minha pergunta é: o que é que fez com que isto fosse possível?

Fabio Colombo (padre Fabio). Obrigado a ambos. Veem como as perguntas que surgem no coração e na razão de uma pessoa, de um jovem, podem ser a possibilidade de outros tam- »

¹ Do Livrinho usado durante o Tríduo dos Liceus em Itália, pp- 22-23.

» bém poderem recuperar as passagens, ou deem passos, ou sejam atraídos novamente para um conteúdo que, se calhar, tinham descuidado. Assim, até uma frase muito simples: «Se está aqui um copo (é um bocado da realidade real, tangível, concreto), é porque alguém o pôs neste sítio», transforma-se em pergunta: «Tenho de dar atenção a todas as coisinhas?». A questão não é que *tenhas* de dar atenção a todas as coisas, mas sim que a nossa razão, ou seja, o motor que nos faz “funcionar”, pede, exige, incessantemente, a razão de todas as coisas; portanto – lá está – «Por que é que me levanto de manhã?», depois apaixonas-te, então «O que é o amor?», depois uma pessoa vai para o céu, e então «O que significa morrer?» e, por isso, «O que significa viver?» e, depois, «O que significa que só tenho uma vida?». Não se trata tanto de um esforço com deveres que nós temos numa carneirada; é muito mais um “não bloquear” uma dinâmica que nos é inerente como homens, quer dizer, se o motor está a funcionar e eu não rodo a chave para o desligar, ele continua a funcionar; ou seja, a nossa razão, à medida que encontra a realidade, que sente o impacto da realidade, é posta em movimento. É preciso, portanto, que a liberdade se escancare, que não usemos um impermeável! Ontem, na última estação da Via Sacra, quando voltámos ao parque onde tudo tinha começado (mas também a ir de uma estação para a outra), era comovente e surpreender ver, além dos vossos rostos, os rostos das pessoas que nos encontravam: o que é que viram? Viram pessoas, mas essas pessoas comportavam-se de uma determinada maneira, manifestavam uma determinada tensão para alguma coisa que estava a acontecer, estavam unidas, escutavam cânticos ou estavam em silêncio, e lá estava uma cruz erguida por um jovem e, à frente e atrás, havia todo um povo que caminhava; então, à medida que este corpo e este pedaço de realidade se movia pelas ruas daquela aldeia, as pessoas ter-se-ão perguntado: «O que será? O que será esta realidade aqui diante dos meus olhos?». Claro que, na generalidade, as pessoas ainda sabem o que é uma *Via Sacra*... mas o que é que move, o que é que leva 3600 jovens a encontrar-se durante três dias em Rimini para ficar em silêncio, para ouvir uma pessoa a falar, para desfrutar da beleza dos cânticos, para ver Jesus colocar-se de joelhos, a lavar e beijar os pés a doze pessoas? Ora, as pessoas que ontem viram este facto real (a nossa *Via Sacra*) não foram capazes de impedir o impacto que aquele pedaço de realidade suscitou nelas, porque a razão está feita assim, é exigência de significado, não se rende, não se detém, até se tornar consciente da realidade na totalidade dos seus fatores, até conhecer. Uma pessoa pode tentar explicar: «Sei lá, foram todos “telecomandados” para lá, como *robots*», mas não me parece que seja o vosso caso. Outra pessoa pode tentar outra explicação e dizer: «Os pais deles pagaram-lhes para ir para lá» e, afinal, é exatamente o contrário: vocês escolheram livremente vir para aqui. Então a razão dessas pessoas que ontem encontraram este Corpo que se movia tem de aceitar (não no sentido da obrigação, nem porque sou eu que o digo, mas sim porque a razão não fica saciada enquanto não encontrar uma resposta exaustiva): «Mas quem serão estes? O que estão a fazer?». Enquanto a razão não encontrar uma resposta que abrace a totalidade dos fatores, fica com “água na boca”, por assim dizer. Se essas pessoas tivessem perguntado «Porque é que estão aqui?». Tal como, aliás, me contaram alguns do serviço de ordem hoje de manhã ao pequeno-almoço: «Sabe, padre Fabio, quando se faz serviço de ordem, encontra-se os bombeiros, os polícias, os motoristas dos autocarros, encontram-se pessoas que perguntam “Mas o que é que estão a fazer?”» - ou seja: qual é a razão exaustiva, qual é o motivo que abraça e unifica tudo o que eu estou a ver acontecer aqui» - e a rapariga do serviço de ordem respondeu muito candidamente: «Aqui está Jesus que morreu crucificado há dois mil e vinte e três anos atrás...», mas não só morreu, «também ressuscitou e, desde essa ressurreição, nasceu um povo e, hoje, nós fazemos memória do sacrificio que Jesus completou por cada um de nós». Bom, aquela pessoa que usa a razão terá tido de considerar esta explicação exaustiva: existe Alguém que moveu 3.600 jovens!

Tomo mais um minuto para referir outras duas coisas. A primeira: no outro dia, a propósito, eu disse a frase «a diferença está em usar a razão, não tem a ver com o facto de eu ir »

» à igreja e o outro não»; muitos de vocês disseram: «Os meus colegas de turma não vão à igreja, não são religiosos, por isso não os posso convidar para vir», mas eu referi essa frase para nos introduzir a isto: o ponto em comum entre mim e os meus colegas do futebol, entre mim e os meus colegas da escola é que eles têm a razão, tal como eu tenho a razão, por isso posso apelar à razão, tal como eu procuro dar razões do que eu próprio vivo, também eles estão predestinados ao encontro com Cristo e eu estou ao serviço disso. Mais tarde, vocês vão retomar a lição de ontem de manhã e, sobretudo, *O Sentido Religioso*, e assim podem aprofundar tudo isto. Percebe-se? Então: eu tenho esta exigência de significado da vida, mas o meu colega também tem a mesma exigência de perceber o que está a fazer no mundo; depois, talvez esteja numa fase totalmente diferente da minha, se calhar anda perdido nos charros, ou está apaixonado pelo futebol como se fosse o único horizonte da vida, se calhar tem sofrimentos ou talvez perca a cabeça com a moda e só pense em roupa, sabemos lá... isto não é um juízo sobre determinada pessoa, mas é para cada um de nós: «Olha que tu podes entrar em diálogo com qualquer pessoa (quer tenha fé, quer não tenha!)». Etimologicamente, a palavra diálogo tem mesmo esta estrutura: *dia-logos*, é formada pela partícula *dia*, entre-atraves, e *logos*, razão, pelo menos duas, a minha e a do meu amigo do futebol ou da escola, ou a minha amiga da dança ou do vólei – o sintagma *logos* em grego é riquíssimo: palavra, discurso, razão -: eu, com a minha razão, com o meu coração, entro em relação, através da razão, com o tal amigo que tem a mesma razão do que eu e tem o mesmo coração do que eu; assim, a partir desse ponto e do que eu vi e vejo, posso dizer: «Olha que eu em Rimini descobri coisas maravilhosas, quero partilhá-las contigo, não porque “eu tenho fé e tu não”, mas sim porque eu e tu temos a mesma estrutura, somos feitos da mesma coisa, do mesmo reagente, e estamos à espera de encontrar e conhecer o tal reagente que faz explodir a minha e a tua vida; eu, por Graça, já O conheço um pouco, vem ver!». Não sei se vocês estudam química, mas só há uma reação que faz “explodir/florescer” o meu reagente; há dois agentes: o agente A e o agente B encontram-se e, se existirem certas combinações, dá-se o florescimento, *pumba!* Ora, eu e o meu amigo da escola somos feitos da mesma maneira, eu e o meu amigo da turma somos feitos da mesma maneira, eu e o meu amigo do futebol somos feitos da mesma maneira e, por isso, este ano somos 3600 mas para o ano vocês vão ser 7200, porque cada um vai convidar um amigo, que por sua vez convidará outro amigo, que por sua vez convidará um amigo, comunicando-lhe o que fez “explodir” a sua vida. Portanto, e era isto que eu queria dizer com a distinção – digamos assim – entre “com fé e sem fé”. O *don Gius* diz: todos os homens têm o sentido religioso, mas o que é que isto quer dizer? Que é dotado de razão, que é dotado de coração, que o seu coração deseja o bem, que a sua razão deseja a verdade tal como a minha e, por isso, procura um cumprimento total e não parcial! O sentido religioso está, assim, ao nível destas perguntas inevitáveis, ao nível em que o homem espera uma resposta *exaustiva* a estas perguntas. Portanto, todos os homens, enquanto tal, são religiosos! Espero que assim se perceba um pouco melhor...

Última coisa e depois calo-me. Também surgiu uma pergunta sobre o Espírito Santo. A razão exaustiva, o motivo total que junta estas 3600 pessoas não pode ser apenas a resposta a uma indicação: «Há os Exercícios em Rimini. Pronto, vou», como se fôssemos muitos *robots* que recebem um *input* e que me faz realizar automaticamente um procedimento; não, isto implica toda a nossa liberdade, razão, afeição, mas nesse espaço insere-se a ação do Espírito Santo, como com-vocados. A etimologia da palavra Igreja, em grego, é *ἐκ-κλησία*, ou seja, chamados por; nós somos com-vocados. E quem é, qual é a “cadeia” que nos precede, que nos atrai, que atravessa cada um de nós e nos com-voca todos juntos, unindo-nos no Povo de Deus, no Corpo de Cristo, no movimento? É isto a ação do Espírito Santo que nos atrai ao Pai, tornando-nos filhos no Filho. O Espírito Santo é aquela força divina que atravessa cada um de nós tal como entrou em Maria; entrando em nós, transforma-nos como as células »

» de um único organismo. De outro modo, estaria um pedaço para aqui, outro pedaço para ali, mas seria um corpo deformado; ao invés, o Espírito Santo é aquele que cria a harmonia. O Papa Francisco repete-o continuamente: o Espírito Santo é Aquele que cria a harmonia, é o “simbolizador universal”. A palavra símbolo, *συμβάλλω*, ou seja, «lançar-unir-juntos». Quem é que une todas as partes do nosso corpo? Quem é que une aquela parte de corpo que está em Rimini, que está em Bolonha, que está em Turim, que está em Milão, que está na Puglia; quem faz isso? Quem é que nos mantém todos juntos, quem é que nos liga? O Espírito Santo. Não pode ser só a minha simpatia pelo Francesco, ou a estima que nutro pelo Davide; sim, também existe isso, mas trata-se mais profundamente do Espírito Santo.

Matteo Severgnini (Seve). Em relação à pergunta do rapaz que dizia: «Eu sou um tipo muito rigoroso e esquemático e ontem surpreendi-me porque [...] não era eu a controlar a situação, estava totalmente mergulhado, não estava a ser escravo dos meus esquemas, e mesmo assim estava tudo bem». Quantos de nós já fizemos esta experiência! E eu acho que este é um testemunho belíssimo sobre o título “Conhecereis, encontrareis a verdade e a verdade vos fará livres”. Quantos de nós fizemos esta experiência ao longo destes dias? Dás por ti, primeiro, escravo dos teus esquemas e, depois, acontece alguma coisa, alguém que te livra dos teus projetos e acontece um abandono, uma dependência. O Van Thuan, um bispo que esteve preso durante treze anos, dos quais nove esteve em isolamento, dizia que «O umbigo, que parece não servir para nada, é o sinal indelével de uma verdade total: houve pelo menos uma vez na vida em que dependi totalmente, dependi totalmente». Os nossos esquemas caem quando acontece uma verdade enorme diante dos nossos olhos, da qual começamos a depender. Revela-se a nossa natureza: nós somos dependência e é por isto que somos livres. Parece um paradoxo, mas é exatamente o que nos testemunhou o nosso amigo com a sua pergunta.

Barberis. O segundo tema que veio muitas vezes ao de cima é simples: como é que a experiência que estou a viver permanece?

Intervenção. O padre Fabio disse que é preciso uma experiência, mas que eu não a posso “produzir”, porque é Deus que vem ter connosco; então como é que eu faço para ter sempre esta experiência? Porque aqui eu sinto a comunhão com Deus, mas depois quando vou para casa e para a escola, já não a sinto e, por isso, como é que posso alimentar a comunhão com Deus na vida quotidiana?

Seve. Como podem ver, a vivissecção que o padre Fabio nos fez ontem, a mim e ao Francesco, nesta mesa, correu bem. Ainda estamos vivos e estamos aqui... Além disto, queria retomar a primeira pergunta que nos impressionou muito, porque creio que se trata de um dos desejos mais profundos de cada um de nós: como é que a comunhão com Deus permanece sempre, a cada instante? No primeiro serão, fiquei estarecido com a história que o Davide nos contou, porque esta comunhão tem o “tempo da eternidade”. Jeremias (um profeta de quem eu gosto muito) põe Deus a falar e diz: «Amei-te com um amor eterno. Por isso, atraí-te até Mim e tive piedade do teu nada» (cfr. Jer 31, 3). O que é esta comunhão com Deus? É alguém que, desde a eternidade, procura o teu coração – como nos contaram o Davide e o padre Fabio no primeiro serão –, que construiu toda a história para vir bater à porta do meu e do teu coração, porque estabeleceu uma aliança contigo, porque te deseja, deseja o teu coração. Mas a coisa mais impressionante é que deseja o teu coração, a tua pessoa, e insere-te num fluxo, numa história; como dissemos na introdução a este tríduo: «Olhem para nós, olhem uns para outros, Ele inseriu-vos numa história, numa companhia, numa comunhão». E trata-se de uma cadeia ininterrupta de pessoas conquistadas e que, vendo o próprio cora- »

» ção a explodir, começaram a dizer: «Eu sou amado. Eu encontrei a verdade e esta verdade fez-me livre». É uma cadeia ininterrupta de testemunhas que gerou um povo, uma comunhão viva, que alcançou a mãe de Giussani, que disse a Giussani, que disse ao padre Fabio Baroncini, que a disse ao padre Fabio, que a disse a vocês. E uma pessoa diante disto pensa: «Mas esta comunhão... como é que faço para confiar no padre Fabio?». Há duas condições. 1) encontrar alguém que sabe o que diz porque encontrou. 2) que queira o teu bem (que não te quer enganar!). A cadeia de testemunhas sempre teve estas duas condições. Experimentem pensar nos vossos amigos que estão aqui, nos adultos que vos convidaram para vir: eles são testemunhas credíveis. *Don* Giussani dizia que a nossa vida é como que um fluxo, um rio que tem duas margens por onde se move, onde vive: a primeira é a oração, a mendicância; deste ponto de vida, a Igreja é mãe, a liturgia, os sacramentos, o Bispo que nos veio saudar esta manhã; a segunda é a companhia, é uma companhia onde Deus te põe, te escolhe, com outros. E esta companhia visível, objetiva, interpela e entra no coração. São estas as duas margens que asseguram a nossa comunhão com Deus.

Dois exemplos muito rápidos. Há muitos anos, quando eu encontrei os Liceus, tinha ouvido falar de São Francisco Xavier, que é o padroeiro das missões da Europa. Ele tinha sido enviado para a China – a China! – para evangelizar a Ásia; os seus amigos escreviam-lhe cartas que, à medida que se ia afastando, lhe chegavam cada vez mais tarde, às vezes mais de um ano depois. Ele lia as cartas dos amigos e, depois, como andava sempre de um lado para o outro e não podia guardar as cartas todas, recortava o nome dos amigos e punha-os num bolso junto ao coração. Quando ele morreu, encontraram muitíssimos nomes dos seus amigos, aqui, junto ao coração, porque ele vivia continuamente em comunhão com quem vivia com ele a experiência grandiosa do amor de Deus. Quando vais jogar ténis, quando estás na sala de aula, quando estás a fazer um teste, todos os teus amigos estão aqui (no teu coração), porque são a ajuda maior para fazer memória de Quem nos está a chamar. Depois, existem mesmo momentos que nos ajudam nesta memória contínua: pensem na possibilidade de rezar o *Angelus* juntos de manhã na escola, em começar o dia com a memória de que não estou sozinho, ou na Escola de Comunidade, ou o *Raggio*, ou encontrar-se no corredor, basta um olhar para dizer «Tu és meu amigo, mas tu és o rosto com que Deus – que estabelece uma aliança comigo – se faz presente agora». Que beleza podermos encontrar continuamente assim e nunca mais nos sentirmos sozinhos, porque o coração está conquistado!? Então, são estas as duas margens: por um lado, a oração, porque nós somos feitos para pedir o significado da nossa vida, d’Aquele que já nos alcançou: por outro lado, uma companhia grande, que nos descreveram no primeiro serão.

Ao pensar nesta pergunta, lembrei-me de uma das mais belas páginas da literatura mundial, do *Inominado* de Manzoni: durante a terrível noite em que o D. Rodrigo leva a Lucia e encontra o seu olhar, o *Inominado* está atormentado, não consegue adormecer e, de manhã cedo, ouve uns barulhos na rua e encontra o cardeal Federigo, a razão pela qual o povo estava em festa. O *Inominado* sente-se chamado pela presença do cardeal e quando chega ao pé dele é totalmente abraçado. Neste abraço, envolto neste amor total, imerecido, «os seus olhos, que desde a infância nunca mais tinham conhecido as lágrimas, incharam-se-lhe; quando cessaram as palavras, cobriu o rosto com as mãos, e deu num copioso pranto»². Manzoni diz-nos que é nesse momento que ele se conhece (!), porque a promessa da comunhão com Deus, nesta companhia, é conhecer-se. No fim deste encontro comovente, continua Manzoni: «Aproximou-se [o cardeal Federigo] do *Inominado*, e com aquele ar de espontânea confiança que se encontra numa nova e poderosa afeição, disse-lhe: – “Não julgueis que me contento com esta visita por hoje. Voltareis cá, na companhia deste honrado eclesiástico, »

² A. Manzoni, *Os noivos*, Paulinas, Lisboa 2015, p. 424.

» não é verdade?» – “Se voltarei?” – respondeu o Inominado. – “Mesmo que vos recusásseis a receber-me, eu ficaria obstinado à vossa porta, como um pobre mendigo [a oração]. Preciso de falar convosco! Preciso de vos ouvir, de vos ver! Preciso de vós! [a companhia]”³. Nós, mendigos desta companhia, desta comunhão, porque Ele é mendigo do meu coração, através desta companhia. Não sei se se percebeu.

Barberis. Muitos de vocês referiram que não existe nada de mecânico ou de automático na relação entre o encontro e a experiência da libertação descrita pelo padre Fabio (libertação das imagens de Deus, da *performance*, etc.).

Intervenção. Muitas vezes, vivo como uma escrava das coisas, a pensar que a minha vida é uma questão de *performance* ou do que eu sou capaz de alcançar, mas há alguns momentos em que experimentei que sou amada. Eu desejo viver este amor na minha vida toda, mesmo nas situações do dia-a-dia. Mas como é que isto é possível?

Seve. Obrigado. Começo eu e depois o padre Fabio dirá alguma coisa.

Padre Fabio. Força!

Seve. Tu dizes: «Escrava das coisas, escrava dos resultados, escrava da *performance*, escrava da imagem que tenho de mim ou da imagem que os outros têm de mim». Eu poderia estar aqui neste preciso momento com a mesma preocupação com a minha *performance*: nem imaginam o quão nervoso estou, por exemplo! Mas a preocupação em fazer bem as coisas, em “conseguir”, ou seja, em pôr amor no que se faz, ou mesmo em estar “preocupados com o sucesso” não está errado, porque é sinal de que “nos importamos” com o que fazemos. Desejamos que, quando estudamos, venham os bons resultados, porque amamos o que estamos a fazer, e isto é bom e justo. Mas surge em nós o medo de falhar. Às vezes, o resultado é menor do que nós desejaríamos ter obtido. Claro, às vezes fracassamos (e às vezes recebemos mesmo menos do que pensávamos), mas o medo verdadeiro surge porque nós fazemos com que, por vezes, para nós coincida o nosso fracasso com o facto de nós sermos um fracasso, e isto é mentira, é a mentira! Nós não somos este fracasso, nós importamo-nos em viver bem e, se falharmos, temos de nos lembrar que não somos um fracasso. Seria uma redução da nossa pessoa, é uma redução total de nós próprios, porque nós não somos este falhanço. É por isso que somos escravos do sucesso. Acharmos que o que conseguimos ou, pior, que as nossas falhas sejam a definição da nossa pessoa. Não é verdade! Nós somos mais do que este fracasso. Nos dez anos em que vivi em África, ouvi a Rose repetir-me não uma, nem duas, mas milhares de vezes: «Tu és um valor infinito!» e, nestes dois dias e meio, eu fui olhado exatamente assim: por causa de um valor, do valor infinito que eu sou. Recordo-me (desculpem, vou usar um minuto para dar um exemplo real) em 2012, quando cheguei a África, encontrei italianos expatriados; fomos beber uma cerveja e eles diziam: «Sabes, Seve, aqui em África há dois tipos de expatriados (as pessoas que vêm para cá): o primeiro tipo são os que estão entusiasmados, que têm imensas ideias e projetos para salvar África; depois há os cínicos e os cétricos, que são os entusiasmados um ano depois, porque perceberam que não conseguem fazer nada com todas as suas ideias e objetivos». Eu, graças a Deus, não demorei um ano a passar do entusiasmo ao ceticismo, demorei três meses porque nenhum dos objetivos a que me propus – nenhum! – se realizava e comecei a pensar: «Caramba, sou inadequado, não sou capaz. O que hei de fazer?!». Precisamente escravo da minha *performance*. Depois temos »

³ *Ibidem*, p. 429

» um bocadinho de amor próprio e começamos a pensar: «Mmm, se calhar não sou eu que sou inadequado, se calhar os outros é que não estão a perceber, se calhar eles é que não se adaptam» porque, mais cedo ou mais tarde, culpamos os outros. Comecei então a zangar-me cada vez mais comigo próprio e com os outros, ao ponto de – juro-vos – três meses depois ter feito as malas, ter ido ter com a Rose e ter-lhe dito: «Rose, África é estupenda, a sério, mas não é para mim, enganei-me mesmo». A Rose olhou-me nos olhos e disse: «Seve, antes de ti já vieram muitas pessoas para África e depois de ti virão mais umas tantas, mas o que eu desejo, o que todos desejamos é o teu “sim”, é o teu “sim” diante de Deus que está a fazer o teu coração agora. Não o que tu pensas que és ou não és capaz de fazer. Este sim é o maior contributo que poderás dar ao mundo inteiro, aos teus irmãos e às tuas irmãs: o teu “sim”. Mas o “sim” a quê? Ao rosto que Deus te está não só a dar, mas a escolher propositadamente para ti, para te amar». No fracasso, então, não fica a faltar o valor infinito que somos, porque nós somos este sim; aliás, quando não conseguimos alguma coisa, é uma belíssima ocasião para se explicitar uma pergunta: «Mas se eu não sou a minha *performance*, quem sou eu?». A pergunta que o padre Fabio fez ontem: «E eu, que sou?». Nesse ponto, começa a grande aventura da descoberta do verdadeiro conteúdo de si. Quando a Rose me disse: «Preciso do teu “sim”», começou a grande aventura da descoberta do verdadeiro conteúdo de mim próprio, o verdadeiro conteúdo do meu ser que é relação com o Significado. É interessante notar como, mesmo com todos os nossos esforços, dificilmente nos libertamos das nossas medidas, dos fracassos, etc. Tem de poder entrar um olhar novo, temos de encontrar, reconhecer e desejar, estar disponíveis e colocar-nos no seguimento do Olhar que entrou na nossa vida, dar-Lhe crédito e dar crédito. E então não é uma ilusão dizer «desejo poder viver este amor em toda a minha vida, até nas situações do dia-a-dia»; caramba, é mesmo impossível arrancar do coração este desejo depois de o encontrar e este desejo torna-se pedido a um Tu, ao próximo que te indica um Ponto Objetivo, que está fora de ti e ao qual podes dizer sim. Ao teu coração objetivo corresponde alguma coisa objetiva que está fora de ti, e é isto que nos liberta. Eu diria isto. Padre Fabio.

Padre Fabio. Depois retomo na síntese.

Barberis. Então vou contar eu uma coisa sobre isto, porque enquanto o Seve estava a falar, eu dei por mim a pensar no que recitámos ontem durante a Via Sacra, a oração maravilhosa do padre Grandmaison: «Criaí em mim um coração doce e humilde, que ame sem exigir ser correspondido, contente em esconder-se noutros corações, sacrificando-se diante do Vosso Divino Filho. Um coração grande e indomável, que nenhuma ingratidão possa fechar e nenhuma indiferença possa cansar»⁴. Penso que, para não sermos escravos ou determinados pelas nossas prestações, é preciso – como disse o Davide no início – a fé, ou seja, a experiência de alguém que te ama tal como és, gratuitamente, porque está bem como tu és. Na semana passada, eu estava em Nisida com os amigos de Nápoles, e impressionou-me muito um rapaz que contou aos amigos que na vida lhe aconteceram muitas coisas más, e depois parou e disse: «Mas aconteceu-me uma coisa bonita, está sentada ao meu lado (o seu professor). Desde que o encontrei, eu sou determinado pelo olhar que ele tem sobre a minha vida».

Último tema: preferência e missão. Estas últimas perguntas lançam a síntese do padre Fabio.

Intervenção. Depois destes dias, surgiu espontaneamente em mim uma pergunta, a ver estas pessoas todas e a estranha familiaridade entre comunidades diferentes que entraram em »

⁴ L. de Grandmaison, *Preghiera alla Madre di Dio*, in Id; *Scritti Spirituali*, Edizioni Paoline, Alba 1960

» relação, pensei que esta familiaridade é impossível fora daqui: numa assembleia na escola, com os professores ou no bar. Mas porque é que em sete mil pessoas, fui eu escolhido? Não sei fazer nada, não sei falar. O que tenho a mais do que os outros? Porque é que uns são escolhidos, outros não? Obrigado.

Intervenção. Nestes dias, tenho ouvido muitas coisas nas quais percebo uma beleza, reconheço a sua verdade e tenho cada vez mais fome de as viver. Gostaria de pedir ajuda, porque também vejo que, muitas vezes, estas coisas grandes e razoáveis ficam na minha cabeça e não se traduzem num gosto de viver e – em última análise – não me libertam.

Seve. Obrigado.

»

» **Síntese
de Fabio Colombo**

Para nos introduzir à síntese lançada por estas duas perguntas, em conjunto com o coro, pensámos propor-vos um cântico, que é o *Vuestra soy*. É uma canção que foi escrita por Santa Teresa d'Ávila e que descreve esta disponibilidade do coração para responder ao chamamento de Deus.

Enquanto ouvimos toda a sua beleza, aproveitemos para ler também a tradução.

*Vuestra soy
Hoy arriesgarè
Leaning on the everlasting arms*

Obrigado! Estes três cânticos exprimem de maneira sintética a tentativa de fazer a síntese desta manhã: «A minha nova lei é a história que me foi dada para seguir, grande é a Sua misericórdia, mesmo que eu não a tenha merecido» (*Hoy arriesgarè*), isto liberta-nos de cada problema ou ânsia ou angústia sobre o nosso mérito... algum de nós terá “merecido” que Jesus morresse na cruz, alguém fez alguma coisa por isso? Algum de nós fez por “merecer” estar aqui hoje neste mar de beleza e razoabilidade? Algum de nós fez por “merecer” encontrar este Rosto nesta companhia, ouvir o Davide na primeira noite, ou a minha introdução, ouvir as respostas do Seve, ou participar na Via Sacra, quem é que pode “vangloriar-se em méritos”, quem é que pode vangloriar-se? O amor gratuito de Cristo precede-nos e, como dizíamos na meditação da Via Sacra: quando Jesus está com os braços estendidos na cruz, por detrás d’Ele – como no cântico que acabámos de ouvir – está Alguém (o Pai) que O sustenta, há Alguém que está contigo, por detrás de ti, e que te sustenta, leva-te no caminho. O Sacramento da Reconciliação é a mão estendida, é a modalidade com que Deus estende a mão até quando caímos, amados até quando caímos, portanto, que objeção podemos ter diante de um Amor assim? Que problema ousamos levantar diante de um Amor tão potente que nem sequer a queda (que nos magoa, cair magoa!) tem a última palavra, porque existe Alguém que te estende novamente a mão e nos faz reerguer dizendo-te: «Eu absolvo-te dos teus pecados!». O mal, o erro é “demolido” e aquele que caiu, pelo contrário, é reerguido e, portanto, já não somos escravos, já não somos condicionados pelo pecado, nem estamos enjaulados nele.⁵ Há uma medida, um Amor que é “sem »

⁵ *Catecismo da Igreja Católica* 1468. «Toda a eficácia da Penitência consiste em nos restituir à graça de Deus e em unir-nos a Ele numa amizade perfeita». O fim e o efeito deste sacramento são, pois, a *reconciliação com Deus*. Naqueles que recebem o sacramento da Penitência com coração contrito e disposição religiosa, seguem-se-lhe «a paz e a tranquilidade da consciência, acompanhadas duma grande consolação espiritual» Com efeito, o sacramento da reconciliação com Deus leva a uma verdadeira «ressurreição espiritual», à restituição da dignidade e dos bens próprios da vida dos filhos de Deus, o mais precioso dos quais é a amizade do mesmo Deus. 1469. Este sacramento *reconcilia-nos com a Igreja*. O pecado abala ou rompe a comunhão fraterna. O sacramento da Penitência repara-a ou restaura-a. Nesse sentido, não se limita apenas a curar aquele que é restabelecido na comunhão eclesial, mas também exerce um efeito vivificante sobre a vida da Igreja que sofreu com o pecado de um dos seus membros. Restabelecido ou confirmado na comunhão dos santos, o pecador é fortalecido pela permuta de bens espirituais entre todos os membros vivos do corpo de Cristo, quer vivam ainda em estado de peregrinos, quer já tenham atingido a pátria celeste : «É de lembrar que a reconciliação com Deus tem como consequência, por assim dizer, outras reconciliações, que trarão remédio a outras rupturas produzidas pelo pecado: o penitente perdoado reconcilia-se consigo mesmo no mais profundo do seu ser, onde recupera a própria verdade interior: reconcilia-se com os irmãos, que de algum modo ofendeu e magoou: reconcilia-se com a Igreja; reconcilia-se com toda a criação». 1470. Neste sacramento, o pecador, remetendo-se ao juízo misericordioso de Deus, de certo modo *antecipa o julgamento* a que será submetido no fim desta vida terrena. É aqui e agora, nesta vida, que nos é oferecida a opção entre a vida e a morte. Só pelo caminho da conversão é que podemos entrar no Reino de onde o pecado grave nos exclui. Convertendo-se a Cristo pela penitência e pela fé, o pecador passa da morte à vida «e não é sujeito a julgamento» (Jo 5, 24).

» medida, incomensurável”, que se chama Misericórdia e continua novamente a despertar-nos, a chamar-nos, o que há para temer se existe esta Misericórdia eterna que me sustenta até através dos rostos desta companhia que começa no “seio” na Trindade, que percorre a história e me reconduzirá no Seu próprio seio, minha origem, história e cumprimento?

«O que existia desde o princípio [isto é São João a escrever aos seus futuros amigos, para que mesmo quem chegassem em 2023 pudesse permanecer em comunhão com o Evento original que permanece na história], o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida, de facto, a Vida manifestou-se [nós vimo-la, dela damos testemunho e anunciamo-vos a Vida eterna que estava junto do Pai e que se manifestou a nós], o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Escrevemo-vos isto para que a nossa alegria seja completa»⁶.

Creio que a Primeira Carta do Apóstolo São João contém a síntese adequada destes dias que passámos juntos e que pode também ditar os passos do que nos espera, não só fora daqui: tudo o que eu vi deste quinta-feira à noite, tudo o que comecei a ver nas Férias de Inverno em janeiro de 2023, tudo o que comecei a ver na Equipe dos Liceus de setembro de 2022, tudo o que comecei a ver no Meeting passado, «isto vos anunciamos»! É claro que não temos de compreender tudo no dia 8 de abril de 2023, porque é precisamente uma «história que continua» e, devagarinho, Deus, que é Pai, educa cada um dos seus filhos: uma coisa que te ocorreu durante as férias, outra que vais perceber na Jornada Mundial da Juventude com o Papa em Lisboa, no verão, outra ainda quando começares o CLU na Universidade, outra quando te casares, outra quando fores em missão para o Brasil. É preciso o tempo, para que o Templo cresça: a Igreja não se constrói com um tijolo e já está! Um tijolo de cada vez, um, depois outro, e depois coloca-se a questão: mas como é que se faz a cúpula? Aí, vai ser preciso parar um bocadinho, refletir e perguntar-se, como é que se faz a cúpula, o que quer dizer casar-se, o que significa servir a Deus no sacerdócio? Devarinho, no tempo, enfrentam-se as perguntas, permanecendo fiéis a esta companhia! No tempo, mas não se estamos como a plantas, como os vegetais – como estas plantas aqui na Feira, pobrezinhas, que não têm possibilidade de compreender nada do que estou a dizer –, mas um tempo habitado de quê?

Do *pedido*, como dizia o Seve há pouco, um tempo habitado pela *oração*!

O *don Gius* descreve a oração de uma maneira ligeiramente diferente da que nós temos na cabeça, define-a de maneira mais veemente, diz: «Pedir para ser». «Enquanto liberdade, a natureza do ser participado exprime-se [...] como *oração*. Se a liberdade é reconhecimento do Ser como Mistério, a relação do ser participado com Deus é somente a *oração*». E «a oração é pedido, “pedido de ser”. Deus quer que haja alguém que lhe pede para ser»⁷. E se alguém pensar em repetição mecânica de fórmulas está profundamente enganado, porque o *don Gius* define a oração como «o posto avançado do homem que vai para a batalha»⁸, na batalha que é a vida, da vida – já o recordámos: «*Militia est vita hominis super terram!*»⁹ – na batalha pela felicidade, na batalha que é a escola, podes estar lá com a certeza de que Alguém já venceu, de que Jesus já derrotou o pecado e a morte, que está contigo, e portanto a nossa liberdade não é eliminada, mas é chamada à colação para se apropriar e experimentar essa vitória na própria pele, pedindo e rezando como o Seve, para responder o seu “sim”: estou em África, ou faço as malas e volto para casa ou começo a “dar batalha”, a respondeu o meu “sim” «Senhor, dá-me Tu a força, o que me estás a pedir, como posso responder, »

⁶ 1Jo 1, 1-4

⁷ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, p. 46

⁸ L. Giussani, *Acontecimento de Liberdade*, Diel, Lisboa 2004, p. 15

⁹ *Nova vulgata*, Iob 7,1.

» dá-me rostos com quem eu possa caminhar, Sacramentos onde me possa apoiar, coração e razão para ajuizar!». Peço-Lhe a força de permanecer na circunstância em que me encontro e para enfrentar “a batalha”, para permanecer em África, para poder descobrir o que existe por descobrir: «Como Te posso servir? Faz com que eu veja e aceite os passos», como na canção que acabámos de ouvir, *Vuestra soy*: «*Que mandais hacer de mi?*» (O que queres fazer de mim?). A oração é «consciência do Ideal e pedido ao Ideal que se realize em nós»¹⁰. Oçam o que dizia o *don Gius* em 2001, com 75 anos, sobre si próprio, depois de – desculpem se digo atabalhoadamente – “ter feito tudo e mais alguma coisa”, que na verdade foi o Espírito Santo através dele. Vejam bem a posição de coração que ele vivia e nos indicava: «Digo o que a vida me fez aprender. É preciso uma grande alma, um grande coração, como o das crianças, porque o Senhor no Evangelho não disse “se não forem estudiosos, como tantos estudiosos, cientistas, como tantos cientistas, bons rapazes, como tanta gente boa...”», poderíamos dizer que não “pede uma *performance*”, para alcançar um nível académico, um mestrado, mas diz antes: «”se não vos tornardes como crianças, jamais haveis de entrar”. [...] Eu exorto-me, sempre me exortei todas as manhãs dos meus dias a rezar a Deus, ou seja, a ser criança, porque ser crianças quer dizer acolher esta totalidade de apego, esta posse que Outro tem de nós. Outro: o Mistério. A expressão deste Mistério em nós é o pedido, é a oração, ou seja, o pedido da oração, a oração como pedido, como mendicância: o homem mendicante de Cristo, como Cristo é mendicante do homem. [...] Vivamos a oração como o primeiro posto avançado, o extremo entreposto da batalha da nossa vida»¹¹. Não passou muito tempo desde que vocês eram crianças e decerto lembram-se que a força da criança não está nele, o horizonte da vida de uma criança é caracterizado pela certeza da presença do pai e da mãe!!! Como é que ele a pode ter para si? A força não está em si! Tem as pernas a tremer, como é que seria possível?! Mas está na certeza do olhar do pai e da mãe, um “empurra-o”, “lança-o” para dar os primeiros passos e o outro está à espera dela à chegada. A criança caminha porque fixa o olhar, atrás dele tem os braços do pai e então, timidamente, de maneira tosca, da maneira que conseguir, começa a caminhar e a dar passos, esta é a lei da vida inteira, mesmo até aos 75 anos: peço para ser como uma criança, completamente apoiado na Sua presença nesta companhia eclesial, completamente apoiado na força dos Sacramentos! Completamente apoiado nos meus passos na solidez da Rocha que é Cristo, como dizíamos: vem a chuva, vem o vento, mas eu continuo apoiado na rocha. Ele garante a solidez do meu caminhar! A “rocha faz a rocha”, o meu “problema” será eventualmente permanecer em cima e não construir na areia, mas foca-te em ficar agarrado à rocha. Na realidade, Jesus diz: permaneço no Meu amor!¹² Visto algo belo e útil para a tua vida nesta companhia, nestes dias? Permanece! Que é outra forma de dizer: como é que tudo continua depois do Tríduo, quando estiveres em casa? Permanece. Permanece nesta companhia com esta pergunta, permanecendo apoiado nas duas margens, como dizia o Seve: companhia guiada e oração (sacramentos). Permanece. Penso que, de forma sintética, toda esta dinâmica pode ser resumida numa só palavra, que é a palavra *vocação*.

Vocação! A nossa vida é vocação, é vocação desde o primeiro instante em que aconteceu a nossa conceção: nenhuma de vocês recebeu uma “chamada prévia”: «Olha, o que é que queres fazer? Queres nascer no dia 15 de outubro de 1922? (dia do aniversário do *don Gius*!)». Cada um de nós foi chamado a ser, através do amor sensível dos nós pais, um Amor maior chamou-nos a este mundo e depois fomos inseridos num grande fluxo, no grande rio dos »

¹⁰ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, Marietti 1820, Genova 1999, p. 100.

¹¹ L. Giussani, «La preghiera diventi l'avamposto della nostra umanità in battaglia», «Litterae Communio-nis-Tracce», n. 9/2002, pp. II, IV.

¹² Cfr. Jo 15,9.

» batizados; através do batismo, Ele escolheu-nos, chamou-nos pelo nome¹³. Então, o segredo da vida é saber que esta é vocação, é uma resposta contínua a Alguém que me chama... mas, agora, como é que me chama? Como é que me está a chamar? Pensemos sempre na Virgem Maria, a quem Jesus se dirigia com as Suas necessidades do dia-a-dia, e a Sua resposta era sempre: «Faça-se em mim segundo a Vossa palavra»¹⁴, ou seja, estou disponível para viver a relação contigo dentro do que vai acontecer, confio em Ti. E quando Jesus nasceu, terão falado entre si como uma mãe e um filho, depois como uma mãe e um jovem, e depois como uma mãe e um jovem adulto: Jesus, o que vais fazer hoje? Que programas tens? E Jesus terá respondido como se responde a uma mãe: «Hoje vou sair com o Pedro, vamos uns dias para fora; hoje vou a casa do Lázaro, da Marta e da Maria a Betânia, hoje vou ao mar da Galileia»; então, Maria terá respondido: «Tem cuidado, se precisares de alguma coisa diz e eu trato, do que precisas?»; quer dizer, Maria respondia à relação com Jesus naquilo que era chamada a fazer, tal como nós. Eu, nós, somos chamados a viver circunstância diversas como a família, a escola, o futebol, a música, a fila na autoestrada, a Missa, a ceia de Natal, o almoço de Páscoa, as amizades, mas dentro dessas circunstâncias eu vivo a relação com Deus, dentro da relação com a realidade, eu respondo à Realidade que é Deus; agora pedes-me para estudar, muito bem: «Faça-me em mim segundo a Tua palavra». É tão melhor atirar-se, entrar numa circunstância respondendo a Alguém, estudar não porque “tenho mesmo de ter 20”, ou “porque senão não posso ir sair”, ou “porque senão não posso usar a mota”, ou “porque senão de que é que valho?”; é tão mais belo estudar porque me interessa crescer, porque se trata de um amor a mim próprio, porque respondo a Alguém e, respondendo-Lhe, gozo daquilo que sou chamado a fazer... com quanto amor terá Nossa Senhora preparado as “sandwiches” para Jesus e para São Pedro, com quanto cuidado e quanta dedicação... precisamente a mesma que posso pôr eu no estudo, ou a viver as amizades, ou a amar. «Senhor, eu respondo-Te a Ti, nesta hora em que estudo grego ou mecânica ou ciências alimentares ou em que tenho de organizar um serão de músicas com os meus amigos dos Liceus». Isto é a vida como vocação, responder e – enquanto se responde – ser sinal da Sua presença no mundo, é esta a nossa vocação, uma chamada de cada um à santidade! Claro que cada um, vivendo, na oração e no diálogo com adultos sensatos, descobrirá a modalidade concreta com que pode servir a Deus, com que pode cooperar com Ele nesta *história que continua*, quem sabe como posso ser instrumento para que outros encontrem o que eu encontrei, construindo uma família, ou abraçando o caminho dos *Memores Domini*, ou do sacerdócio missionário ou diocesano, da vida religiosa. Na nossa história germinaram diversos frutos e flores da árvore! Quem sabe onde é que vocês vão estar daqui a 10 anos!

Vou fazer um parêntesis: a questão da «preferência», se não for enfrentada na sua natureza e como dela Giussani fala realmente, pode ser uma coisa que nos traz problemas patológicos, que nos induz em grande confusão; pode transformar-se numa pretensão dentro da qual se pode morrer! A preferência não é como nós imaginamos, mas é a maneira como Deus ama cada um dos Seus Filhos pessoalmente; Deus ama-te preferindo-te, *sic Deus dilexit mundum*¹⁵, sou diligente, tenho uma predileção, amo, prefiro. Cada amor é uma eleição, uma escolha, e é assim para cada um de nós! Preferiu Pedro. Preferiu João. Preferiu Zaqueu. Preferiu Bartimeu. Cada um de nós é amado em particular: com São João de uma certa maneira, comigo de outra.! Mas amando cada um, ou seja, preferindo cada um, envolve todos numa missão e, por isso, a preferência nunca é exclusiva, antes abraça qualquer pessoa! Não se »

¹³ Jo 15, 16-17. «Não fostes vós que me escolhesteis; fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça; e assim, tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá. É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros»

¹⁴ Lc 1, 38

¹⁵ *Nova Vulgata*, Io 3,16.

» trata de dizer «eu tenho de ter 24/7 o olhar de uma pessoa sobre mim, senão quer dizer que não sou preferido e ninguém me considera!»! Não se trata de dizer: «Ah eu sou preferido, tu desenrasca-te»; cada um é escolhido por Deus e amado por Deus para anunciar, para envolver outros, chamou-me a mim, preferiu-me a mim, para chamar outra pessoa! Para que eu ame outra pessoa como Ele me amou e, na amizade, quanto mais vem ao de cima uma preferência, mais se escancara, mais se abraçam mil outras pessoas dentro dessa relação, no abraço entre Jesus e os Apóstolos... estamos lá dentro nós!¹⁶ Jerusalém para todos os povos!¹⁷ Ele não disse: muito bem, vamos fazer um clube privado com os 12... e os outros que se desenrasquem! Não, daqueles 12, outros 12 e por aí fora... até nós! É uma amizade que tem como método o amor de predileção... se não existe um fôlego maior, até a preferência morre, porque sufoca, falta-lhe o ar! A garrafa, cheia de água ou de um excelente vinho, transborda e sacia quem bebe ou degusta o vinho bom, percebem que o chamamento é para todos!? E cada um é amado por Deus pessoalmente, não como uma massa indistinta. A água transborda e enche uma nova garrafa que, por sua vez, é abundante e assim enche outra vida e depois mais outra! Nós somos o cano, só o canal, lá dentro age a Graça de Cristo, na estrutura, a água escorre e sacia, nós rezemos para não deixar entupir!

Esperam-vos pequenas e grandes escolhas, mas eu peço-vos: que a oração mais presente, mais repetida e renovada todas as manhãs seja aquele «Faça-se em mim segundo a Vossa palavra», que seja o pedido de uma disponibilidade para colaborar no Seu chamamento, segundo os sinais, os acontecimentos que Deus nunca deixa faltar ao longo do caminho. Oíçam como é que o Papa descreve a descoberta da sua vocação: «Aconteceu-me uma coisa estranha durante aquela confissão, mudou-me a vida: foi a surpresa, o espanto de um encontro, dei-me conta que Ele já estava à minha espera. Esta é a experiência religiosa: o espanto de encontrar alguém que está à tua espera. A partir desse momento, Deus é Aquele que se antecipa. Tu procura-Lo, mas é Ele que vem primeiro ter contigo. [...] Sempre me impressionou muito uma leitura do Breviário em que se refere que Jesus olhou para Mateus com um olhar que poderíamos definir como de “misericórdia e de eleição”. Foi exatamente esta a maneira como me reconheci olhado por Deus naquela confissão. E este é o modo com que Ele me pede que eu olhe para os outros: “Olha, chamo-te pelo nome, foste escolhido e a única coisa que te é pedida é que te deixes amar”. É esta a proposta que me foi feita»¹⁸.

Leio-vos agora uma carta que “completa” a que ouvimos ontem e que mostra bem esta dinâmica que acabámos de descrever, de um dom oferecido e que é para todos; oíçam o que gerou uma situação que parecia ser apenas de morte (exato, “livres da morte”) ... a filha daquela mãe de quem falámos ontem limitou-se a convidar os seus amigos da turma para o funeral da mãe e vejam o que aconteceu a uma rapariga que lá foi, o que viram? A razão é igual para cada homem e está diante dos factos, se não a censura, interrogando-se e tirando conclusões. Esta colega da escola viu a amiga nos dias antes do funeral, depois viu-a no »

¹⁶ At 10, 34-35 «Então, Pedro tomou a palavra e disse: «Reconheço, na verdade, que Deus não faz acepção de pessoas, ³⁵mas que, em qualquer povo, quem o teme e põe em prática a justiça, lhe é agradável».

¹⁷ Cântico de Tobias 13, 10.12-15 « Que todos o proclamem e louvem em Jerusalém. Jerusalém, cidade santa, Ele castiga-te pelas obras dos teus filhos, mas de novo terá misericórdia dos filhos dos justos. [...] Que Ele te dê alegria e, em ti, a todos os cativos, e mostre o seu amor para com todos os aflitos, por todas as gerações, sem fim! Qual luz brilhante, há-de refulgir até às extremidades da terra. Numerosos povos virão de longe, e os habitantes dos confins da terra adorarão o nome do teu santo Deus, trazendo nas mãos oferendas para o Rei do céu. As gerações das gerações exultarão em ti, o nome da escolhida permanecerá para sempre. Malditos sejam todos os que dizem mal de ti; malditos, os que te derrubam os muros, abatem as torres e incendeiam as casas. Benditos sejam eternamente todos os que te respeitam. Alegra-te, porque os filhos dos justos serão congregados e louvarão o Senhor dos séculos. Ditosos aqueles que te amam, e ditosos os que se alegram pela tua prosperidade».

¹⁸ Cfr. J.M. Bergoglio, *Papa Francesco. Il nuovo papa si racconta. Conversazioni con Francesca Ambrogetti e Sergio Rubin*, Salani Editore, Florença 2013.

» próprio dia, não conheceu a mãe diretamente (até isto é interessante: método de conhecimento indireto), bom, a Federica escreve assim: «Trarei sempre no meu coração o funeral da Catarina, porque me arrebatou profundamente [mas na manhã daquele dia, esta rapariga não sabia nada do que lhe viria a acontecer, o que viria a perceber, não podia “produzir” ela um resultado, teve a preocupação de responder a um convite, de pedir um coração disponível para aprender, mesmo numa circunstância difícil como esta, como um coração de criança, já falámos disso há pouco] e tornou-se ainda mais evidente a presença de Cristo vencedor na minha vida [não viu Deus no alto dos Céus, antes viu-O vencedor em pessoas que estavam num funeral... mas será possível mais concreto que isto, mais material do que isto, mais dentro de história do que isto??!!]. Para mim, aquele funeral foi o momento de máxima luz. Aquele brilho não vinha de mim, mas sim da Martina que resplandecia o rosto de Cristo». Não acho que tenham sido visões ou alucinações, que a levaram a pensar que estava a ver a materialização diante dela do rosto de Cristo ali, mas claramente a sua amiga da escola, através do rosto da amiga, estava ali o rosto de Cristo, diante dos olhos dela, viu resplandecer a luz que provinha de outro rosto, como a lua com o sol: a lua não emite luz própria, mas limita-se a refletir a luz do Sol; a lua absorve e recebe toda a luz do Sol e, portanto, quem vê a lua tem a certeza de que aquela luz provém de Outro. Esta amiga da escola reparou que a sua amiga, mesmo na dor, estava a olhar para o Rosto de Deus, de Outro! Como é possível? Estava triste por se separar da presença materna e, ainda assim, é instrumento disto para outra pessoa! Nós polarizamos tudo, estejam com atenção às polarizações (se há fé, não há razão, ou vice-versa), se há dor, então não há alegria, mas não é assim, está tudo unido; as polarizações nunca ajudam porque, de facto, até na dor surge um Rosto no rosto da amiga. Lembrem-se: até um elemento verdadeiro, se for absolutizado, nos desvia do caminho! Além disso, na verdade, a imagem da lua ainda não é suficiente, porque continua a ser algo exterior, externo, como um bronzeado epidérmico; ao invés, Cristo está *em* nós, é uma luz *em* nós: o Espírito Santo entra em nós e ilumina por dentro, o rosto fica vivificado, torna-se luminoso, *por dentro*! Estão a ver o candeeiro na mesinha de cabeceira? Uma lâmpada por dentro, com um *abat jour* à volta! Assim os nossos olhos, o nosso rosto torna-se luminoso, radiante, mas por dentro! Somos templo do Espírito Santo! De facto, *don* Giussani gostava muito de repetir isto: «Tornarei evidente a potência do meu nome pela letícia dos seus rostos»¹⁹! Dos vossos rostos alegres, é esta a maior forma de testemunho, seja na dor, seja na alegria, estou cheio de letícia! São Paulo dizia: «Transbordo de alegria no meio de todas as nossas tribulações»²⁰! Como é que uma pessoa pode estar alegre nos sofrimentos? Voltemos à carta: «Vê-la assim, forte em Cristo [realmente, não era uma capacidade dela, mas estava apoiada na Rocha!], transmitiu-me uma grande força e plenitude. Eu, tão pequena diante desta grande imensidão que é Deus, percebi que a minha pequenez tem sentido, porque sou amada e porque amo. Portanto, sou salva!». A Federica nunca teve o gosto de conhecer a Caterina, mas no dia do seu funeral percebeu que se pode conhecer até uma pessoa que já não está presente através do testemunho de outros, e que isto é profundamente razoável! Leio: «A Caterina amava a sua família, os seus amigos, e eu senti este amor ao meu redor, ao ver a igreja cheia de pessoas que estavam ali para a acompanhar ao banquete nupcial com o Pai. Quando fui dar um abraço à Martina, foi ela que me consolou com estas palavras: “Cristo vence, que grande glória nos mostrou hoje!”. E é mesmo verdade». Cristo vence e salva-nos. Para ela, o funeral foi uma ocasião, um encontro com Ele. «Estou grata à Caterina porque fez mexer dentro de mim alguma coisa difícil de explicar, mas que me arrebatava com enorme força e potência. Espero poder doar a outros o que estou »

¹⁹ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, p. 152.

²⁰ 2 Cor 7, 4

» a experimentar, tal como ela fez em vida e continua a fazer lá de cima»²¹.

Antes de concluir com a última carta, um último pequeno passo: porque uma vez que Jesus está crucificado e é deposto no sepulcro, há algumas pessoas, há um poder que quereria impedir que Ele ressuscitasse.

Eis então um *nota bene* antes do fim: faz com que percebamos que o campo da história não é neutro, não é composto só pelo eu e por Deus, também existe o Adversário, o Inimigo, o poder que se torna ativamente cúmplice dele, o Mundo – no sentido joanino – que é tudo o que se opõe à luz, à verdade, à vida, à ressurreição e a quem pertence ao Povo, ao Corpo do Ressuscitado, que desejaria separar-nos, διάβολος, que nos dividíssemos: «No dia seguinte, que era o dia a seguir ao da Preparação, os sumos sacerdotes e os fariseus reuniram-se com Pilatos e disseram-lhe [vejam como eles conspiram, como tentam silenciar as coisas que os deveriam espantar! Vocês também têm de fazer contas com esta ação do poder das trevas, que insinua que a verdade não existe: “Do que é que estás para aí a falar da verdade, podes dar algumas opiniões se quiseres, mas a verdade não existe, isso são as invenções da Igreja!”]: “Senhor, lembrámo-nos de que aquele impostor disse, ainda em vida: ‘Três dias depois hei de ressuscitar’. Por isso, ordena que o sepulcro seja guardado até ao terceiro dia, não venham os discípulos roubá-lo e dizer ao povo: ‘Ressuscitou dos mortos.’ E seria a última impostura pior do que a primeira”. Pilatos respondeu-lhes: “Tendes guardas. Ide e guardai-o como entenderdes”. [Pilatos, de forma política, já tinha lavado as mãos na questão sobre a verdade, dizendo “Escolham vocês se querem Jesus ou Barrabás, não me interessa, desde que não haja tumultos nem confusões... que ainda perco o emprego!”; e agora continua da mesma forma, com o joguinho de passar a batata quente]: “Vocês têm os vossos guardas do Templo, não é? Então tratem disso com eles e ponham-nos a guardar o sepulcro!”] E eles foram pôr o sepulcro em segurança, selando a pedra e confiando-o à vigilância dos guardas [quer dizer, selaram tudo com silicone, não vá ele ressuscitar mesmo]»²².

Mas como é que se faz para impedir a verdade de explodir e de ir por aí por todos os caminhos do mundo?!? Hoje em dia, este poder ainda existe e, por isso, é preciso estar prevenidos e saber que a *vida como vocação* tem de considerar este aspeto da existência! Há tantas formas de selar a verdade... Hoje, enquanto nós estamos aqui em Rimini, pacificamente reunidos numa Feira, um olhar panorâmico sobre o mundo mostra-nos a vida dos membros do nosso próprio corpo que vivem na Nicarágua e que são perseguidos. Oíçam o que está a acontecer, enquanto nós estamos aqui no “bem bom”: «“Nicarágua, uma Igreja perseguida”, como é possível? Alguém tem de documentar esta tragédia. A ditadura começou o ano de 2023 de modo muito agressivo, proibindo todas as atividades de piedade popular, as procissões, os terços, que se desenvolviam sempre neste período. Dantes havia “só” profanações, roubos, “graffitis” nas paróquias e nas igrejas, com mensagens de ódio, como “padre terrorista”, “padre violador”, “vamos matar-vos”, etc. Eu identifiquei 13 sacerdotes que foram ameaçados com armas de fogo apontadas à cabeça pela Polícia Nacional, pelos paramilitares e pela CPC, grupos irregulares que têm autoridade para fazer tudo e mais alguma coisa e gozam de impunidade, porque o regime os protege. O ano em que houve um maior número de ataques foi 2022, que se encerrou com 140 agressões contra a Igreja. Em 2018, houve 81, em 2019 76, em 2020 58 e em 2021 54. Então, o ano passado foi o mais nefasto contra a Igreja. E 2023 arrisca-se a ser pior. Hoje, os nicaraguenses, incluindo a Igreja Católica, estão de mãos e pés atados, porque o Estado, que deveria ser o garante, o protetor dos nossos direitos humanos, é precisamente quem os está a violar. Um bispo nicaraguense chamado Rolando José Ivaréz Lagos, opositor do governo do presidente Daniel Ortega, foi condena-»

²¹ *Il dolore abbracciato*, carta assinada, «Tracce», n. 5/2023, p. 5.

²² Mt 27, 62-66

» do a 26 anos e 4 meses de prisão, privado da nacionalidade e dos seus direitos de cidadão que foram suspensos vitaliciamente»²³. Portanto, é preciso considerar que a nossa vocação e o nosso testemunho podem passar pelo martírio, se não vermelho de sangue, pelo menos branco. São Pedro foi crucificado de cabeça para baixo e a São Paulo cortaram a cabeça.

Como se pode descrever plasticamente tudo o que dissemos até agora, que a vida é vocação, que a relação com Deus se vive em cada circunstância, que a nossa vida está chamada a uma missão, que se vive pela Verdade e que existem pessoas ou estruturas de pessoas que se opõem a isto?

O que se segue é um testemunho de Shahbaz Bhatti, o ministro paquistanês das Minorias Religiosas que foi assassinado no dia 2 de março de 2011 por um comando que, enquanto ia trabalhar, parou o seu carro e o alvejou, para o “punir” porque tentava modificar a Lei sobre a Blasfémia que, em 25 anos de aplicação, custou a vida a centenas de cristãos e, naquela altura, tinha levado uma mãe cristã, a Asia Bibi, até à prisão, ficando presa durante muitos anos. Oçamos o testamento espiritual deste homem (já tinha recebido inúmeras ameaças de morte e encontrava-se na mesma situação que o Seve, teria podido dizer: «Vou fazer as malas, despeço-me do trabalho e vou viver para um país mais tranquilo, afinal...»):

«O meu nome é Shahbaz Bhatti. Nasci numa família católica. O meu pai, professor aposentado, e a minha mãe, dona de casa, educaram-me segundo os valores cristãos e os ensinamentos da Bíblia, que influenciaram a minha infância [até aqui todos nós nos poderíamos sentir descritos!].

Desde pequenino que costumava ir à Igreja e encontrar profunda inspiração nos ensinamentos [porque a fé precisa não só do testemunho, mas também dos ensinamentos, de facto Jesus “fez e ensinou”, vida e doutrina, verdade e caridade, juntos, não se aguentam um sem o outro, nunca polarizar!], no sacrifício, e na crucificação de Jesus. Foi o amor de Jesus que me levou a oferecer os meus serviços à Igreja. As espantosas condições em que se encontravam os cristãos do Paquistão perturbaram-me. Recordo uma sexta-feira de Páscoa [vejam bem o que pode nascer de uma simples sexta-feira de Páscoa, como a que nós vivemos ontem!], quando tinha apenas treze anos [não começemos já a escorregar para a *performance*: “Ah, ele com 13 anos já tinha percebido estas coisas, eu não”... Pelo contrário, recordemo-nos de pedir a simplicidade da criança: “O que é que eu posso aprender com ele? O que posso pedir a Deus para a minha conversão?”]: ouvi um sermão sobre o sacrifício de Jesus para a nossa redenção e para a salvação do mundo [o Bê A Bá do cristianismo: Jesus, Deus, morre na cruz por ti! Deixou-se atingir, não foi impermeável à realidade, não tirou o som!]. Pensei em corresponder [eis a vida como vocação!] àquele seu amor doando amor aos nossos irmãos e irmãs, pondo-me a serviço dos cristãos, especialmente dos pobres, dos necessitados e dos perseguidos que vivem neste país islâmico [veem que não existe contradição entre preferência e missão: descobri uma coisa e ponho-a ao serviço dos outros! Eu sou instrumento de eleição para outras pessoas!].

Propuseram-me outros cargos no governo e pediram-me que abandonasse a minha batalha [*militia est vita hominis...* mas deixa lá, fica em tua casa a ver séries e não te incomodes], mas eu sempre recusei, até mesmo correndo o risco de perder a minha vida. A minha resposta sempre foi a mesma: “Não, eu quero servir Jesus como um homem comum” [não estava a pensar na performance, na carreira de ministro, na carreira de sucesso, quero ser um homem comum, servindo Jesus... depois, se for ministro, servi-Lo-ei como ministro, se abrir um restaurante, servi-Lo-ei abrindo um restaurante, ou se for padeiro, fazendo bem o pão! Servir Jesus naquilo que se faz]. »

²³ P. Manzo, *La donna che ha rotto il silenzio sulle persecuzioni dei cristiani in Nicaragua*, «Tempi», 16 de janeiro de 2023.

» Esta devoção faz-me feliz. Não quero popularidade, não quero posições de poder. Quero só um lugar aos pés de Jesus. Quero que a minha vida, o meu temperamento, as minhas ações falem por mim e digam que estou a seguir Jesus Cristo [a vida e a fé não são duas retas paralelas que nunca se encontram no infinito; ao invés, coincidem: que a minha vida seja anúncio de Cristo!]. Esse desejo é tão forte em mim que me consideraria um privilegiado se – neste meu esforço de batalha em ajudar os necessitados, os pobres, os cristãos perseguidos do Paquistão – Jesus quisesse aceitar o sacrifício da minha vida. Quero viver para Cristo e por Ele quero morrer [como o testemunho da mãe de ontem, lembram-se? Quer eu viva, quer eu morra, sou Teu!]. Não tenho nenhum tipo de medo neste país. Muitas vezes, os extremistas desejaram matar-me, aprisionar-me; ameaçaram-me, perseguiram-me e aterrorizaram a minha família. Eu digo que, enquanto eu tiver vida, até ao meu último suspiro, vou continuar a servir Jesus e esta pobre, sofredora humanidade, os cristãos, os necessitados, os pobres. Quero dizer-vos que encontro muita inspiração na Santa Bíblia e na vida de Jesus Cristo. Quanto mais leio o Novo e o Antigo Testamento, os versículos da Bíblia e a palavra do Senhor, mais se fortalecem a minha força e a minha determinação. Quando reflito sobre o facto de Jesus Cristo ter sacrificado tudo, de Deus ter mandado o Seu próprio Filho para a nossa redenção e para a nossa salvação, pergunto-me como é que eu posso seguir o caminho do Calvário. Nosso Senhor disse: “Vem comigo, toma a tua cruz e segue-Me” [lembram-se do “vinde e vede” de ontem? Vive a vida que tens de viver, com as suas cruzes, mas o que te mantém de pé é a relação comigo]. As passagens que mais amo na Bíblia recitam: “Tive fome e deste-me de comer, tive sede e deste-me de beber; era peregrino e recolheste-me, estava nu e vestiste-me, doente e visitaram-me, preso e vieram ver-me”. Assim, quando vejo pessoas pobres e necessitadas, penso que debaixo da sua aparência está Jesus que vem ao meu encontro. Por isso, procuro sempre ajudar, com os meus colegas, levar assistência aos necessitados, aos que têm fome e sede. Creio que os necessitados, os pobres, os órfãos, qualquer que seja a sua religião, devem ser considerados antes de mais como seres humanos. Penso que essas pessoas fazem parte do meu corpo em Cristo [quando nos despedirmos, ao ir embora, há quem vá para Milão e quem vá para a Sicília, mas é tão diferente despedirmo-nos reconhecendo que o outro faz parte do mesmo Corpo eclesial, fazem parte de mim, parte da minha vida]; creio que são a parte perseguida e necessitada do corpo de Cristo. Se levamos esta missão a bom termo, teremos ganho um lugar aos pés de Jesus e eu poderei olhá-Lo sem ter vergonha»²⁴.

Concluo, pois, com o Papa Francisco que nos questiona muito de perto.

«Queridos jovens, não viemos ao mundo para «vegetar», para transcorrer comodamente os dias, para fazer da vida um sofá que nos adormeça; pelo contrário, viemos com outra finalidade, para deixar uma marca. É muito triste passar pela vida sem deixar uma marca [de facto, a nossa revista chama-se *Tracce*, deixar um rasto (nt: tracce significa rastros, vestígios)]. Mas, quando escolhemos a comodidade, confundindo felicidade com consumo, então o preço que pagamos é muito, mas muito caro: perdemos a liberdade. Não somos livres para deixar uma marca. Perdemos a liberdade. Este é o preço. E há tantas pessoas [o poder de que já falei que age também em nós: selamos este tríduo no sepulcro das recordações, fechamos na gaveta das recordações, impedimos que faça explodir a nossa vida!] cuja vontade é que os jovens não sejam livres, há tantas pessoas que não vos amam, que vos querem entontecidos, pasmados, adormecidos, mas... livres, nunca! Não; isso não! Devemos defender a nossa liberdade.

É precisamente aqui que existe uma grande paralisia: quando começamos a pensar que a felicidade é sinónimo de comodidade, que ser feliz é caminhar na vida adormecido ou narcotizado [alguns entre nós se calhar já passaram pela escuridão da droga e dos charros »

²⁴ Testamento Espiritual de Shahbaz Bhatti.

» para se anestesiarem da realidade, sem encontrar o fio à meada que a vida é, caiu e ainda se emaranhou mais!], que a única maneira de ser feliz é estar como que entorpecido. É certo que a droga faz mal, mas há muitas outras drogas socialmente aceitáveis, que acabam por nos tornar em todo o caso muito mais escravos. Umas e outras despojam-nos do nosso bem maior: a liberdade. Despojam-nos da liberdade»²⁵.

Como nos disse o Papa no passado dia 15 de outubro na Praça de São Pedro: «Arda no vosso coração esta santa inquietação profética e missionária!»²⁶ Este povo que te rodeia, esta companhia tem apenas uma única tarefa: sustentar-te na tua vocação, sustentar-te na tua oração, sustentar-te no teu juízo, sustentar-te no testemunho! Então, peço-vos que peguem no livrinho e abram na página 82 e vamos recitar juntos esta oração do Beato Newman, que se pode tornar no conteúdo das nossas orações, não só nos próximos três dias, mas para os próximos 80 anos. Rezemos juntos:

«Senhor Jesus, ajuda-me a difundir por toda a parte o Teu perfume. Inunda a minha alma com o Teu Espírito e com a tua Vida. Invade-me completamente e faz-Te “mestre” de todo o meu ser para que a minha vida seja uma emanção da Tua. Ilumina, servindo-te de mim e toma-me de tal maneira ao ponto de quem se aproxima possa sentir a Tua presença em mim. Que olhando para mim, não seja eu a ser visto, mas Tu em mim. Permanece em mim. Então resplandecerei e serei luz para os outros. Mas esta luz terá a sua fonte unicamente em Ti, Jesus, e de mim não sairá o mais pequeno raio. Louva em mim, Senhor, e que esse louvor ilumine quem está comigo; que eu não anuncie com palavras, mas com o exemplo das minhas ações e do amor visível que o meu coração recebe de Ti. Amen».

Concluo com a frase do Manifesto 2023: cada um de nós, depois destes três dias, pode recomeçar!

«Recomeçar é uma palavra muito próxima da palavra mais cristã, da palavra cristã definitiva: “ressurgir”, “ressurreição”. Quantas vezes lembrámos que é precisamente por isso que a Páscoa é o mistério principal, o grande mistério da vida cristã! É graças Àquele que está entre nós que cada um de nós retoma, cada um de nós recomeça, cada um de nós renasce, cada um de nós ressurgir». Como sabem, desde a Páscoa até ao dia de Pentecostes, não se recita o Angelus, mas explode o canto do *Regina Coeli*, uma oração dirigida a Nossa Senhora, dizendo-Lhe que se “alegre” porque o Seu Filho ressuscitou, não ficou no sepulcro: então, rezando, pensemos em Maria, no que Ela viveu, e no seu rosto marcado pelas lágrimas ao ver o Filho processado, flagelado, condenado e, depois, na cruz, imaginemos o Seu rosto quando vê O ressuscitado, agora que O vemos ressuscitado.

²⁵ Francisco, *Discurso na Vigília de Oração da JMJ em Cracóvia*, 30 julho 2016

²⁶ Francisco, *Discurso aos Membros do Movimento Comunhão e Libertação*, 15 outubro 2022